

## Leitura em E/LE e TICs: a questão de sua inserção na formação de professores

Cristina Vergnano-Junger – UERJ

### 1. Problematizando o tema:

A leitura é uma habilidade linguística que faz parte do cotidiano das sociedades urbanas e letradas, possuindo especial relevância, em termos de uso, nos âmbitos escolares, trabalhistas e acadêmicos. Mas, apesar de sua importância, frequentemente observamos, em jornais ou estudos científicos, relatos sobre problemas oriundos da má formação leitora, inclusive de professores (CARVALHO, 2002. CARVALHO, 2010). Da mesma forma e contraditoriamente, em especial no que se refere ao ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras, a importância da compreensão leitora não ocupa espaço de destaque entre as habilidades linguísticas trabalhadas em aula (DENYER, 1999). Isso se observa tanto nas propostas de exercícios e nos livros didáticos, quanto nas estruturas didático-pedagógicas dos enfoques e metodologias.

Nos últimos anos, a atenção tem-se voltado, também, para as transformações provocadas nos hábitos de leitura devido ao incremento das tecnologias da informação e comunicação (TICs), destacando-se aquelas relacionadas à Internet (RIBEIRO, 2005.). Embora tais aspectos sejam foco no âmbito das línguas maternas, o fato de as línguas estrangeiras (LE) serem importantes instrumentos de comunicação e acesso ao conhecimento nos faz estender as reflexões sobre leitura e TICs ao campo do ensino-aprendizagem das LEs (SOTO. et. al, 2009).

No Brasil, documentos governamentais de orientação curricular destacam a importância de desenvolver-se a competência leitora em LE no Ensino Básico. Os *Parâmetros curriculares nacionais de línguas estrangeiras – 3º e 4º ciclos - PCNs* (BRASIL, 1998) reconhecem que todas as habilidades têm sua relevância e podem ser objeto de ensino-aprendizagem. Porém, ressaltam que a compreensão leitora deve ser a primeira a ser desenvolvida, priorizada em caso de não haver condições de trabalhar as demais. Nesse contexto, as LEs funcionariam como um apoio para desenvolver o engajamento discursivo do aluno, servindo, inclusive, como suporte para a própria língua portuguesa.

As *Orientações curriculares nacionais para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias* (OCNs) possuem dois textos dedicados às LEs (BRASIL, 2006). Um volta-se para as LEs de maneira geral e retoma a questão da formação do leitor, com ênfase no processo de letramento e inclusão. Faz, também, referência a todas as demais habilidades. O outro capítulo, voltado especificamente para a língua espanhola (E/LE), tem caráter mais abrangente em termos do foco nas habilidades, defendendo uma formação mais completa, incluindo diversos conhecimentos e valores. Nesse sentido, critica usos exclusivamente instrumentais da língua, incluída a comunicação meramente utilitária. Mas tem sua atenção voltada para problemas específicos da língua espanhola, em especial frente ao português, nossa língua materna (LM). As OCNs destacam, ainda, no âmbito das LEs, as transformações que estão sendo operadas em função das tecnologias informáticas.

Seja como for, em termos institucionais e governamentais, os documentos nos mostram que se reconhece a necessidade de formar sujeitos capazes de construir sentidos a partir da leitura de textos de variados gêneros, criticamente, inserindo-os de forma mais ativa e consciente na sociedade.

No entanto, apesar dessa orientação curricular, os programas que formam os professores de línguas que atuarão no ensino básico, e aqui enfocamos particularmente o espanhol (E/LE), não priorizam, em geral, a compreensão leitora, nem sua didática (VERGNANO-JUNGER, 2007. KIPERMAN & VERGNANO-JUNGER, 2007).

Este artigo traz à discussão aspectos da pesquisa *Interleituras: interação e compreensão leitora em língua estrangeira mediadas por computador*<sup>1</sup>, desenvolvida no GRPesq LabEV da UERJ. Além de descrevermos os perfis de sujeitos informantes – estudantes de Língua Espanhola e Prática de Ensino de Espanhol em universidade pública do Rio de Janeiro–, monitoramos suas atividades de leitura mediadas por computador e discutimos a caracterização e inserção do processo leitor nas práticas de ensino-aprendizagem do idioma. Para tal, utilizamos abordagem quantitativo-qualitativa de coleta e análise de dados, tendo como instrumentos questionário, protocolos escritos e gravados de leitura, diário dos

---

<sup>1</sup> . Esta pesquisa recebeu auxílio financeiro do APQ1/ 2009, da Faperj, acaba de receber verba do Edital Universal 2010 do CNPq e conta com bolsa de produtividade para pesquisador do programa Prociência/UERJ para o período 2009-2012.

pesquisadores e registro de debates com o grupo de sujeitos. Nesse contexto, procuramos observar e descrever o processo leitor nos suportes digitais/virtuais, problematizando a influência desses meios no surgimento de possíveis novos padrões de comportamento leitor. Preocupa-nos, igualmente, a repercussão de tais mudanças no processo de formação de leitores e, em especial, dos formadores de leitores.

A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento, contando ainda com mais dois anos de trabalho. Devido a isso, as informações aqui apresentadas são parciais e retratam apenas etapas iniciais do estudo.

## 2. Formação versus ação: reflexões sobre a relação professor/licenciaturas/trabalho:

A presença das tecnologias da informação e comunicação na vida urbana moderna, conforme podemos comprovar em nossas atividades do dia-a-dia (caixas eletrônicas, intercâmbio de *e-mails*, tevê digital, compras via internet, vários *sites* de relacionamento etc), vem mudando práticas cotidianas. Hoje vemos, por exemplo, praticamente todas as pessoas com celulares pelas ruas, não apenas se comunicando, mas ouvindo música, tirando e vendo fotos, navegando na internet, organizando agendas. Os membros de *sites* de relacionamento parecem crescer constantemente e muitos seguem *tweeters* (lembremos dos avisos sobre engarrafamentos ou blitz de lei seca avisados via esse recurso), possuem *e-mails*, têm ou leem blogs.

Essa constatação não-científica, fruto de nosso estar no mundo, tem seus reflexos na prática acadêmica. Vários estudos se ocupam em descrever as características dos gêneros surgidos ou modificados para ajustar-se a esse meio virtual (CRYSTAL, 2002. RIBEIRO, 2005. SOTO. et. al., 2009.).

Um dos conceitos que se apresenta é justamente o de *nativo digital*, em oposição ao de *imigrante digital* (PRENSKY, 2001). Em termos simples, se referiria aos indivíduos nascidos na sociedade da informação, imersos nos suportes e manifestações de linguagem oferecidos e otimizados pelos recursos computacionais. Os imigrantes digitais, por sua vez, seriam todos aqueles que, não estando nesse grupo por terem nascido em época anterior, por um motivo ou outro, tornam-se participantes da vida digital. Naturalmente, estas pessoas não teriam, como aquelas, intimidade com os recursos num sentido pleno. Mais ainda,

preconiza-se que a inserção tardia nesse novo modo de linguagem (uma associação que poderia ser feita seria o contraste entre situações de aprendizagem com as de aquisição) teria repercussões na configuração de sua estrutura cognitiva. Em outras palavras, nativos digitais teriam desenvolvido uma nova forma de pensar, comunicar-se, utilizar as linguagens, ver e atuar no mundo.

Essa concepção teórica pode, em nossa avaliação, ser relativizada, se pensarmos que não chega a constituir (ainda) um fator de alteração num nível genético. Também podemos considerar que, devido ao seu relativo pouco tempo de existência (em termos históricos), ainda não há estudos empíricos descritivos suficientes para assumir tais mudanças de forma categórica, ou, ao menos, identificar todas as suas implicações e feições.

Seja como for, parece-nos que o conceito deixa manifesta, em certa medida, uma perspectiva de conflito geracional. O próprio Prensky (2001) adverte que os jovens já não encaram o conhecimento e o aprendizado da mesma maneira que seus professores. Defende, igualmente, a necessidade de reformulação das práticas escolares, a fim de atender a essa nova forma de ver o mundo e de utilizar a linguagem.

A questão que se levanta, então, é qual o papel da formação de professores, tanto inicial quanto continuada, para resolver esse aparente conflito. Nossos estudos sobre compreensão leitora e propostas curriculares de universidades do estado do Rio de Janeiro (VERGNANO-JUNGER, 2007. KIPERMAN & VERGNANO-JUNGER, 2007) estavam centrados na questão da leitura nos currículos de formação de professores de espanhol. Ainda assim, de forma secundária, nos permitiram observar que além dos modelos de leitura, tampouco aspectos relacionados às tecnologias de informação e comunicação eram itens programáticos frequentes em tais programas. Com o avanço das políticas educacionais e públicas sobre a matéria do letramento digital, caberia uma revisão do tema. Mas observações preliminares de pesquisas de pós-graduação sob nossa orientação parecem indicar que o quadro não avançou de forma a tornar a matéria uma presença constante e plena na formação dos professores<sup>2</sup>.

A participação em congressos, reuniões científicas e encontros de professores também nos indica uma carência na formação continuada de professores de LE,

<sup>2</sup>

Essas observações sobre programas se limitam à formação em língua espanhola.

voltada para minimizar os efeitos do *ser imigrante digital*. Isso contribui para limitar a atuação docente em prol do engajamento discursivo digital de seus alunos. Às vezes, também, acentua as distâncias no modo de pensar e agir de nativos e imigrantes digitais e pode gerar duas reações opostas, mas igualmente prejudiciais em nossa avaliação ao processo de ensino aprendizagem: a tecnofobia, por um lado, e o ufanismo tecnológico, por outro.

Consideramos que rechaçar os efeitos das tecnologias da informação e comunicação é uma atitude ingênua, pois elas já estão bastante arraigadas em diferentes ambientes da nossa sociedade. No entanto, esses mesmos efeitos nem são totalmente democráticos e abrangentes, nem têm o poder de, por si só, revolucionar e solucionar todas as carências educacionais. Em última análise, os agentes do processo educativo continuam sendo as pessoas em interação. Portanto, refletir sobre essas questões de forma ponderada e crítica, bem como começar a propor movimentos de mudança e conciliação entre antigo e novo faz-se necessário. E isso deve ocorrer tanto no âmbito da formação universitária inicial, quanto no processo contínuo de formação no interior e paralelamente ao serviço.

### 3. O projeto *Interleituras*: descrição breve do estudo

O projeto *Interleituras* é proposto no âmbito das discussões sobre a compreensão leitora em E/LE e seu ensino. Adiciona à problematização do tema as mudanças advindas no contato com as TICs. Mas seu foco principal é entender como a leitura está-se configurando nesses novos suportes e gêneros. Quais são as habilidades e competências requeridas, que procedimentos são ativados. É, portanto, um estudo descritivo e exploratório, que lança mão de questionário e protocolos (orais e escritos) de monitoramento do processo leitor. Nossos sujeitos informantes, nesse momento, são estudantes universitários de espanhol de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Encontramo-nos na etapa piloto, ao final do primeiro ano de estudo, de uma pesquisa que tem a previsão de duração de três anos.

A primeira fase constitui-se da resposta a um questionário objetivo, que mede os graus de aceitação (de 1 – totalmente negativo a 5 totalmente positivo) de assertivas que tratam de conceitos e práticas relacionadas à leitura, uso de computadores e internet. Por meio desse instrumento, esperamos caracterizar os

sujeitos enquanto leitores e usuários de TICs, segundo suas próprias crenças a respeito desses temas.

A fase seguinte é a do acompanhamento de sessões de leitura, gravadas por um programa informático (o GTK-RecordMyDesktop, para Linux) e registradas num protocolo escrito. Trata-se de cinco sessões: a primeira totalmente livre e as quatro subsequentes guiadas, voltadas para objetivos específicos. Assim, observamos as estratégias utilizadas nas leituras virtuais e em meio impresso (sessões dois e três), os efeitos dos aspectos linguísticos na compreensão de textos digitais (sessão quatro) e a leitura de imagens nos textos digitais (sessão cinco).

Após a coleta, tabulação e transcrição e análise dos dados, propomos uma sessão de entrevista com confrontação, reunindo pesquisadores e sujeito. Nosso objetivo é esclarecer pontos imprecisos e dar voz ao sujeito-informante, que, dessa forma, passa a ser um coprodutor dos sentidos construídos no âmbito da pesquisa.

#### 4. Relações entre pesquisa/ formação e prática: caminhos possíveis:

Até o presente momento, nosso estudo e seus desdobramentos estão permitindo observar que o letramento digital não é homogêneo. Além de nem todos os estudantes fazerem parte dos chamados *nativos digitais*, seu domínio dos recursos informáticos e da internet parecem estar vinculados a determinados gêneros. Por exemplo, transitam com relativa familiaridade em diferentes redes sociais e em e-mails, mas não sabem muito e bem como explorar recursos digitais para estudo e/ou pesquisa.

Além disso, ainda se pode constatar uma dependência do meio impresso, seja para ler textos acadêmicos, seja para produzi-los. Ambas as atividades não são feitas de forma confortável, segundo depoimentos de alunos, tanto sujeitos-informantes da pesquisa quanto de outros estudantes da IES onde o estudo está sendo realizado, em aulas de espanhol LE da graduação.

Como já destacamos anteriormente, os programas não parecem favorecer essa inserção digital, o que se reflete numa precariedade na formação inicial desses futuros professores. As limitações também se estendem às instalações e recursos de infra-estrutura.

Paralelamente, os contatos, que estão sendo favorecidos pela pesquisa, com professores que já atuam na rede pública ou privada de ensino no Rio de Janeiro mostram que ainda há baixo investimento na formação continuada no campo das

TICs. Inclui-se, aqui, a questão específica da compreensão leitora. E, apesar da distribuição de *laptops* para docentes do Município e do estado do Rio de Janeiro e da criação de laboratórios de informática em diversas escolas, a infra-estrutura também está precária e os recursos acabam não sendo utilizados em todo o seu potencial, por diferentes motivos.

O que se deduz desse panorama é que existe uma dissociação entre teoria e prática, entre demanda/propostas governamentais e implementação do letramento digital. Além disso, há pouco conhecimento das características da leitura em ambiente virtual, o que pode contribuir para dificultar esse mesmo letramento defendido nos documentos governamentais. As pesquisas que vem sendo desenvolvidas na academia tampouco parecem chegar e circular no meio do serviço, o que amplia a lacuna entre as instâncias de produção de conhecimento teórico e aplicado e as de sua aplicação prática na vida.

Acreditamos firmemente que a leitura, num sentido amplo de reconstrução de sentidos e articulação de informações de diferentes fontes, é a base para a produção da linguagem (VERGNANO-JUNGER, 2010). E isso vale para meios impressos, virtuais e orais. Explorar as práticas e a teoria subjacente ao processo leitor, descrevendo-o e entendendo-o, pode contribuir, portanto, para otimizar as práticas pedagógicas, orientar na seleção e proposição de materiais e atividades, lidar criticamente com as mudanças sociais e de linguagem que estamos vivenciando. Nesse sentido, o projeto *Interleituras* relaciona-se à formação docente e às práticas didático-pedagógicas enquanto processo de compreensão de uma determinada realidade e ponte entre sua descrição teórico-empírica e a sua implementação como veículo de letramento na era digital.

Estamos cientes de que o desenvolvido por nossa pesquisa poderia ser feito no âmbito da língua materna. No entanto, para justificar nossa opção pela LE, consideramos três aspectos. Primeiro, há a importância do conhecimento de várias línguas na atualidade, social, econômica e politicamente. Segundo e associada a isso, observamos a presença marcante de diferentes idiomas nos meios virtuais. Finalmente, as LEs figuram nos documentos governamentais de orientação educacional como elementos curriculares relevantes para a formação global dos educandos e apoio ao engajamento discursivo em língua materna. Sendo assim, avaliamos que a interface que o projeto favorece entre LE, LM, letramento digital e formação docente pode resultar positivo e produtivo, tanto acadêmica, quanto

profissionalmente para os professores, desde que se garanta a socialização do conhecimento construído em seu âmbito.

Além disso, ainda estamos numa fase inicial, e temos consciência de que não buscamos apresentar generalizações sobre o tema. No entanto, esperamos contribuir para uma descrição dos processos leitores com base em metodologias empíricas replicáveis em novos estudos. Destacamos, também, que os vários dados coletados poderão, no futuro, servir a pesquisas do campo das TICs e ensino-aprendizagem de línguas cujos objetivos transponham os limites da leitura e ofereçam subsídios para ações formadoras de docentes.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF.

\_\_\_\_\_. (2006) *Orientações curriculares para o ensino médio - v. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB.

CARVALHO, Marlene. (2002) A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. *Teias*. FAE- UERJ, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, p 7-20, jan/jun.

CARVALHO, Nelly. (2010) Elite reprovada. *Crônicas do cotidiano*. Coleção de Letras. Recife: PPGL/UFPE.

CRYSTAL, David. (2002) *El lenguaje e internet*. Madrid: Cambridge.

DENYER, Monique. (1999) *La lectura: una destreza pragmática y cognitivamente activa*. España: Universidad Antonio de Nebrija.

KIPERMAN, Samara Lussac. VERGNANO-JUNGER, Cristina de S. (2007) Leitura: uma análise das ementas dos cursos de Letras. *XIII Congresso da ASSEL-Rio Linguagens para o terceiro milênio*. Campos : Assel Rio.

PRENSKY, Marc. (2001) Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. MCB University Press, Vol. 9 No. 5.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita.

COSCARELLI, C. V. RIBEIRO, A. E. (org). (2005) *Letramento digital; aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: CEALE.

SOTO, U. et. al. *Novas tecnologias em sala de aula: (re)construindo conceitos e práticas*. São Carlos: Claraluz, 2009.

VERGNANO-JUNGER, Cristina. (2007) Programas de espanhol e a leitura em graduações no Rio de Janeiro: a prescrição e caminhos pedagógicos. *Cadernos do CNLF - Línguas estrangeiras*. v. X. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos.

\_\_\_\_\_. (2010) Elaboração de materiais para o ensino de espanhol como língua estrangeira com apoio da Internet. *Calidoscópico*. Vol. 8, n. 1, p. 24-37, jan/abr.